

As expressões pronominais “esse(a) um(a)”, “aquele(a) um(a)” e o contato linguístico entre variedades vernaculares de português amazônico com enfoque nos Tembê do Guamá

The pronominal expressions “esse(a) um(a)”, “aquele(a) um(a)” and the linguistic contact between vernacular varieties of amazonian portuguese with a focus on Tembê do Guamá

Ednalvo Apóstolo CAMPOS*

Universidade do Estado do Pará (UEPA)

Mara Silvia Jucá ACÁCIO**

Universidade do Estado do Pará (UEPA)

RESUMO: Neste trabalho, apresentamos breve estudo das expressões “esse um”, “essa uma” “aquele um” “aquela uma” largamente utilizadas em variedades de português faladas em comunidades tradicionais da Amazônia, com destaque para as variedades faladas pelos Tembê do Guamá e pela comunidade quilombola de Jurussaca (PA). Teoricamente, assumimos o estatuto categorial e as propriedades correferenciais dos pronomes presente no quadro teórico formal (Chomsky, 1981, 1986) e a tipologia das proformas pronominais e sua referencialidade proposta por Déchaine e Wiltschko (2002). Para além das características morfossintáticas desses itens linguísticos, buscamos destacar o contato linguístico por meio do qual se desenvolveram os aspectos etnolinguísticos da variedade vernacular de português dos Tembê, e a culminância da perda da língua de substrato tembê-tenetehar dos Tembê do Guamá, além do cotejo entre essa variedade e a falada na comunidade quilombola de Jurussaca (PA), a fim de evidenciar o uso das proformas nessas duas variedades amazônicas de português.

PALAVRAS-CHAVE: Contato linguístico. Português vernacular tembê. Proforma pronominal.

ABSTRACT: In this work, we present a brief study of the expressions “esse um”, “essa uma” “aquele um” “aquela uma” widely used in varieties of Portuguese spoken in traditional communities in the Amazon, especially in the variety spoken by the Tembê of Guamá. Theoretically, we assume the categorial status and coreferential properties of pronouns within the formal theoretical framework (Chomsky, 1981, 1986) and the typology of pronominal proforms and their referentiality proposed by Déchaine and Wiltschko (2002). Beyond the morphosyntactic characteristics of these linguistic items, we seek to highlight the linguistic contact through which the ethnolinguistic aspects of the vernacular variety of Portuguese among

* Professor Adjunto da Universidade do Estado do Pará, Departamento de Língua e Literatura, Belém (PA), e-mail: ednalvo.campos@uepa.br

** Professora Adjunto da Universidade do Estado do Pará, Departamento de Língua e Literatura, Belém (PA), e-mail: mara.juca@uepa.br

the Temb  have developed, as well as the culmination of the loss of the Temb -Tenetehar substrate language among the Temb  do Guam . We also compare this variety with the one spoken in the quilombola community of Jurussaca (PA), to demonstrate the use of these proforms in these two Amazonian varieties of Portuguese.

KEYWORDS: Language contact. Temb  vernacular portuguese. Pronominal proform.

Introdu o

Neste artigo, focalizamos o uso de proformas pronominais atestado em variedades de português faladas por duas distintas comunidades amazônicas: pelos Temb  do Guamá e pela comunidade quilombola de Jurussaca (PA). Trata-se de comunidades cujos aspectos sócio-históricos, embora bastante distintos, ao longo dos anos, passaram por processo de contato que podem explicar tanto a perda da língua ancestral – no caso dos Temb  –, quanto às similaridades com outras comunidades presentes na(s) variedade(s) falada(s) por elas. Assumimos que os aspectos morfossintáticos comuns a essas comunidades, quer de matriz indígena, quer de matriz africana, corroboram a no o de variedade afro-indígena proposta por Oliveira *et al* (2015) e Campos (2014).

Além da comunidade quilombola de Jurussaca, a de Narcisa será também mencionada, na subse o 1.2, a fim de se evidenciar algumas considera es etnolingu sticas sobre a rela o de contato estabelecida entre os Temb  do Guamá e essa comunidade que, segundo Jucá Acácio (2020), pode explicar o tipo de mudança linguística que sofreu a variedade de português falada pelos Temb  do Guamá.

Os aspectos etnolinguísticos da variedade de português vernacular falada pelos Temb  do Guamá são exemplos genuínos do forte contato linguístico presente em território amazônico. No tocante a essa variedade, Jucá Acácio (2020, p. 267), advoga, por meio da “história” sociocomunicativa dos Temb  do Guamá e, ainda, por meio dos fen menos linguísticos apontados em sua tese, que a variedade de português falada por esse grupo esteja inserida no *tipo (ii) de “language shift”* com mudança de língua rápida por parte de uma grande ou prestigiosa minoria (conforme o Quadro 1) atestando-se interferência moderada da língua temb -tenetehar (a língua de substrato) nessa variedade de português.

Se, por um lado, a variedade vernacular dos Tembé do Guamá apresenta traços de interferência moderada da língua de substrato, por outro lado, essa variedade apresenta, também, aspectos morfossintáticos comuns às variedades descritas como afro-indígena, a exemplo das expressões “esse um”, “essa uma”, “aquele um”, “aquela uma”, que são atestadas em variedades vernaculares do Pará.

Tomaremos como referência Campos e Do Vale (2018) que atestaram o uso de tais expressões na comunidade quilombola de Jurussaca, no município de Tracuateua-PA. Esses autores analisaram as características morfossintáticas dos itens linguísticos em questão sob a hipótese de que tratam de itens com características configuracionais idênticas às expressões referenciais e aos pronomes prototípicos, no tocante às propriedades dêiticas e referenciais.

Alguns exemplos apresentados por Campos e Do Vale (2018) ratificam o uso em comunidades tradicionais não apenas quilombolas, mas também de matrizes indígenas. Vejamos alguns exemplos dos autores:¹

- (1) “Eu acho que **essa uma** é que num conta mais nada... porque ela tá muito velhinha...”.
- (2) “... é partida assim no meio, só que **essa uma** o partimento dela é um banheiro que tem no meio.
- (3) DOC. Essa festa pra vocês é mais importante do que a de São Benedito? INF. Olha, **essa uma**... (festa).
- (4) “...e chegaru no Maranhão, de lá **esses um** partiru pra cá”.

Essas expressões, como afirmam Campos e Do Vale (2018), expressam funções similares às pronominais referenciais e anafóricas de terceira pessoa.

Neste trabalho, além de descrever a ocorrência das expressões na variedade Tembé, faremos cotejo com o estudo de Campos e Do Vale (2018). Partiremos das características morfossintáticas dos itens linguísticos em questão sob a hipótese de que compartilham traços morfossintáticos ligados às relações de contato linguístico.

Na seção seguinte, apresentamos aspectos etnolinguísticos da variedade Tembé e da comunidade quilombola de Jurussaca, além de, também, abordar a relação de contato estabelecida entre os Tembé do Guamá e a comunidade quilombola de Narcisa. Na

¹ Todos os exemplos foram retirados de Campos e Do Vale (2018, p. 240).

segunda seção, apresentamos os aspectos sintáticos das expressões, buscando a hipótese de que seu uso, atestado nas variedades de Jurussaca e dos Tembé, ocorra pela forte presença de contato linguístico entre essas comunidades; por fim, fazemos as considerações finais.

1 A variedade de português falada pelos Tembé do Guamá, uma variedade afro-indígena

Os Tembé do Guamá – também conhecidos como tembé-tenetehar –, habitam a Terra Indígena Alto Rio Guamá, localizada no nordeste do Estado do Pará, mais exatamente, entre os municípios de Capitão Poço e Santa Luzia do Pará, como podemos observar no mapa 01:

Mapa 1 - Localização dos Tembé do Guamá



Fonte: mapa extraído de Jucá Acácio (2020, p. 39) e renumerado.

Os Tembé do Guamá se dirigiram para esse local após cisão, em meados do século XIX, entre um grupo maior de Tembé e de Guajajara que habitava uma área próxima aos rios Pindaré e Caru, no estado do Maranhão – ver Jucá Acácio (2020, p. 32-33).

Os antepassados desses indígenas tiveram os primeiros contatos com a língua portuguesa no contexto histórico das Grandes Navegações (ver Jucá Acácio, 2020, cap. 1) e, mais tarde, por meio da Língua Geral (LG) que se formou a partir de uma

“reestruturação” do português (e de muitas línguas) faladas no Brasil Colônia (Bessa Freire, 2011, p. 93-102).

Atualmente, nas aldeias Tembê do rio Guamá, não se atestam mais falantes fluentes da língua tembê-tenetehar. Alguns poucos idosos ainda guardam um vocabulário restrito de palavras e expressões. Ao longo das últimas décadas, a língua portuguesa se tornou a primeira língua dos indígenas do rio Guamá que é, atualmente, a língua de comunicação diária desse grupo em casa, na escola e também em eventos diversos dentro e fora da Terra Indígena (Jucá Acácio, 2020, p. 266).

1.1 Da “interferência” do substrato no português Tembê do Guamá

De acordo com Jucá Acácio (2020), os Tembê do Guamá têm o português como Língua 1 há mais de um século em razão do amplo contato linguístico que mantiveram durante todo esse tempo com o Português Brasileiro. A autora, pautada em Weinreich (1953, p. 10), aponta interferências da língua materna (*tembê-tenetehar*) no português falado atualmente por esse grupo de indígenas, o que se deve, segundo ela, à influência do contato linguístico nos níveis: fonológicos, morfológicos, sintáticos e lexicais.

Desse modo, a migração da língua *tembê-tenetehar*, falada pelo grupo Tembê do Guamá, em direção ao português, como língua-alvo, ocasionou uma mudança rápida em que se percebe a interferência de “traços” leves e moderados da língua nativa no português falado atualmente por esse grupo de indígenas – que podem ser chamados de “interferência de substrato”. Isso tudo justifica, ainda, o fato de Jucá Acácio (2020) advogar que o português falado nessa área esteja em processo de *language shift* (mudança de língua), como se pode observar em Winford (2003), na tabela (01)², extraída de Dormal Calleja (2019), em que Winford apresenta uma síntese da situação de contato de *language shift*:

Quadro 1 - Síntese da situação de *language Shift*

Tipo de mudança	Resultados linguísticos (substrato)	Exemplos
Completa e rápida (por um grupo minoritário)	Pequena ou sem interferências das línguas de substrato no TL	Grupos de imigrantes “urbanos” mudando para o inglês no

² Dormal Calleja (2019) traduziu e adaptou o quadro de Winford (2003).

	(Target Language)	Estados Unidos
Mudança rápida por parte de uma grande ou prestigiosa minoria	Leve a moderada Interferência a língua de substrato na TL	Língua normanda mudando para o inglês
Mudança nas comunidades originárias para a língua adquirida	Interferência moderada a forte da língua de substrato	Mudança para o inglês dos falantes de irlandês na Irlanda (Hiberno-inglês); no século XVII, mudança para dialetos do inglês em Barbados ("crioulo" intermédio)

Fonte: Dormal Calleja (2019); traduzido e adaptado de Winford (2003, p. 23-24)

Desse modo, Jucá Acácio (2020, p. 267) advoga por meio da “história” sociocomunicativa dos Tembê do Guamá e, ainda, por meio dos fenômenos linguísticos apontados em sua tese, que a variedade de português falada por esse grupo esteja inserida no *tipo (ii) de language shift*: mudança de língua “rápida por parte de uma grande ou prestigiosa minoria”.

Nesse subtipo de mudança de língua em que a autora propõe que a variedade de português falada pelos Tembê do Guamá esteja inserida, a mesma atesta interferência moderada da língua tembê-tenetehar (a língua de substrato) nessa variedade de português. A interferência moderada da língua tembê-tenetehar no português tembê do Guamá é atestada principalmente em fenômenos de ordem fonológica e lexical nessa variedade de português. Esses fenômenos, no entanto, não serão abordados neste trabalho.

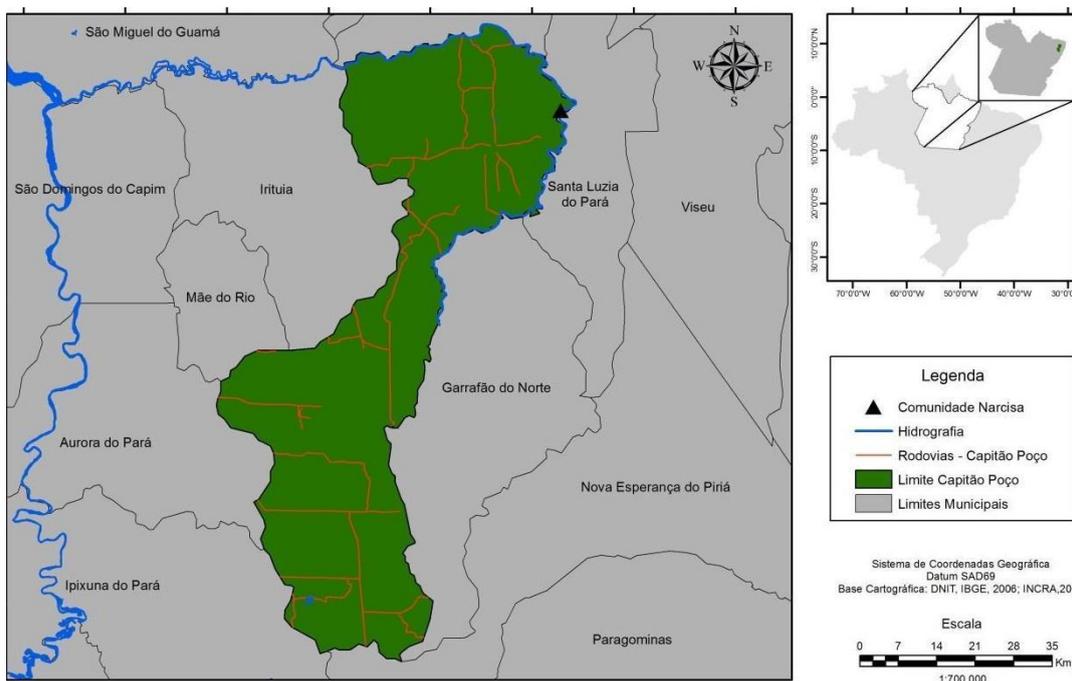
1.2 O contato linguístico entre os Tembê e a comunidade remanescente quilombola de Narcisa

Nesta subseção, apresentamos algumas considerações etnolinguísticas sobre a relação de contato entre os Tembê do Guamá e a comunidade remanescente quilombola de Narcisa, o que corrobora a tese de Jucá Acácio (2020), acerca do tipo de mudança linguística que sofreu a variedade de português falada pelos Tembê do Guamá, mencionada na seção (1.1), anteriormente.

De acordo com Lima Filho (2016, p. 12), a comunidade remanescente quilombola de Narcisa é uma comunidade rural que está localizada no município de Capitão Poço, no nordeste do estado do Pará, à margem esquerda do rio Guamá, fronteira com a Terra Indígena Alto Rio Guamá.

Lima Filho (2016, p. 9) anota, ainda, que a comunidade de Narcisa era uma afronta à escravidão que vigorou até 1888, quanto à Lei de Terras vigentes naquela época, em razão de o Estado brasileiro não reconhecer o território da comunidade, porque os negros não eram considerados cidadãos, e ainda, porque as terras não eram legalizadas, ou seja, não foram compradas do Estado, e nem poderiam ser compradas, dada a condição financeira dos aquilombados.

Mapa 2 - Município de Capitão Poço e a localização da Comunidade de Narcisa



Fonte: Mapa extraído de Sodré (2015, p. 29) e renumerado

A localização da comunidade de Narcisa, no noroeste do município de Capitão Poço, é relativamente próxima à Terra Indígena Temb , como podemos ver ao comparar os Mapas 1 e 2, assim como o estudo de Sodré (2015) permite entender que contato que se estabeleceu entre essas comunidades (contato atestado por Jucá Acácio, 2015) pode ter iniciado ainda na segunda metade do século XIX.

Sodré (2015) cita fontes as quais cont m informa es relevantes sobre a sócio-história da comunidade quilombola de Narcisa:

Outros documentos como de compra e venda, pedidos de captura de escravos, batizados, casamentos, atestados de óbitos relacionados aos moradores da comunidade foram acessados na monografia “Narcisa: história e memória de uma comunidade negra em Capitão Poço – PA” [...] Esta monografia subsidiou o reconhecimento da comunidade como “remanescente de quilombo”. Além

das fontes documentais disponibilizadas, há entrevistas realizadas com os moradores mais antigos, como Dona Maria Alcântara, neta dos dois primeiros casais que foram “botar roçado” no local, por volta da segunda metade do século XIX e que, segundo contam os moradores, morreu com 116 anos de idade ainda “muito lúcida” (Sodré, 2015, p. 25-26).³

Para Jucá Acácio (2020, p. 269), o contato entre negros e indígenas citado por Lucchesi (2009, p. 33), também foi atestado por Sodré (2015, p. 145) com relação aos Tembé do Guamá e os remanescentes quilombolas de Narcisa. Sodré (2015) anota que o contato de negros com indígenas é observado na relação entre os remanescentes quilombolas de Narcisa e os indígenas Tembé do Guamá em razão das relações entre indígenas e quilombolas que foram sendo amenizadas com o passar do tempo, abrindo espaço para uniões conjugais estabelecidas entre esses dois grupos étnicos por várias gerações.

Jucá Acácio (2020, p. 160), ao categorizar a variedade de português falada pelos Tembé do Guamá como uma variedade de “português afro-indígena” corroborando a noção de variedade afro-indígena proposta por Oliveira *et al* (2015), ressalta que há traços de miscigenação entre os Tembé do Guamá e os remanescentes quilombolas de Narcisa que podem ser observados também em cotejo linguístico entre as duas comunidades, principalmente no que concerne à morfologia nominal e verbal das duas variedades de português rural, como se pode observar nos exemplos (5) e (6):

(5) “Aqui nós trabalha que nem **home**. Onti nós **fumu** roçá. **Pulemu** pra lá, **cortemu** matu, **ancinhemu**. Tem qui sê assim, se **quisé cumê**, **muiê**”. (Comunidade quilombola de Narcisa – Entrevista com Nazaré)

*“Aqui nós trabalhamos que nem **homem**. Ontem nós **fomos** roçar. **Pulamos** para lá, **cortamos** mato, **ancinhamos**. Tem que ser assim, se **quiser comer**, **mulher**”.*

(6) “Nós **tiremu** esse do quadro, -gora -qui, nós **coloquemu**, só porque os aluno **coletaru**”. (Tembé do Guama – Auxiliar linguístico AETB)⁴

“Nós tiramos esse do quadro, agora esse aqui, nós colocamos, porque os alunos coletaram”.

1.3 Jurussaca-PA: comunidade envolta em miscigenação afro-indígena

³ Parte da referência consta na Nota de Rodapé nº 7, retirada de Sodré (2015, p. 26)

⁴ Jucá Acácio (2020, p. 200)

Campos (2014, p. 139) afirma que relatos de moradores dão conta de que a comunidade quilombola de Jurussaca foi fundada por quatro escravos fugidos do Maranhão que ali se estabeleceram. Sobre a provável miscigenação ocorrida entre os habitantes de Jurussaca e os indígenas da região, Campos (2014, p. 140) apresenta o relato de uma moradora⁵ que diz “minha avó era índia”. O autor anota, ainda, que os traços fenotípicos de indivíduos da comunidade também apontam para a relação de contato entre essas etnias.

A comunidade de Jurussaca está localizada na região nordeste do Estado do Pará, na zona bragantina, Costa Atlântica/Nordeste, mais exatamente a 25 km da cidade de Bragança e a 10 km da cidade de Tracuateua, como observa-se no mapa 03:

Mapa 3 - Localização de Jurussaca



Fonte: mapa extraído de Campos (2014, p. 139) e renumerado.

De acordo com Cecim (2014, p. 16), a região bragantina onde Jurussaca está localizada foi habitada outrora por indígenas da etnia Cariambá ligada ao tronco Tupinambá ou Tupi. Assim, a área etnolinguística de Jurussaca vem sendo atestada como afro-indígena, de acordo com os estudos de Oliveira *et al* (2015), Oliveira e Praça (2013), Campos (2014), entre outros.

Para Oliveira *et al* (2015), o português afro-indígena constitui-se em uma

⁵ Relato de D. Fausta, moradora da comunidade, 65 anos – ver, Campos (2014, p. 140).

variedade vernacular rural de português brasileiro como primeira língua (L1) falada por comunidades envoltas em miscigenação afro-indígena, mas que selecionam politicamente o termo “afro” ou “indígena”:

Uma variedade vernacular rural de português brasileiro L1 falada por comunidades envoltas em miscigenação afro-indígena, mas que selecionam politicamente o termo “afro” ou “indígena”. Exemplificam-se as comunidades de Jurussaca/PA (autoidentificada como comunidade quilombola, logo “afro”) e Almofala-Tremembé/CE (autoidentificada como comunidade indígena, mas não “afro”). Além da característica de “português L1”, o português afro-indígena atesta as seguintes outras características: (i) festas de sincretismo religioso que se subdividem em dois subtipos: (a) subtipo “ladainhas” (como em “Jurussaca”); (b) subtipo “torém/torén” (como em “Almofala/Tremembé”); (ii) linguagens cerimoniais (ex.: ladainhas; a música cantada na dança do torém/torén). A variedade de português afro-indígena compartilha com as variedades de português afro-brasileira e indígena a característica de localizarem-se ao extremo [+ Marcado] do continuum dialetal de português; difere, no entanto, da variedade indígena, por ser esta L2 por definição, e da afro-brasileira, por esta variedade não contemplar o traço de miscigenação indígena (Oliveira *et al.*, 2015, p. 155).

Lucchesi, Baxter e Ribeiro (2009, p. 31) apontam a definição de português afro-brasileiro para as variedades de português constituídas pelos padrões de comportamento linguístico de comunidades rurais compostas em sua maioria por descendentes diretos de africanos – que vieram para o Brasil na condição de escravos –, e que se fixaram em localidades remotas do interior do país:

Uma variedade constituída pelos padrões de comportamento linguístico de comunidades rurais compostas em sua maioria por descendentes diretos de escravos africanos que se fixaram em localidades remotas do país, praticando até os dias de hoje a agricultura de subsistência. Muitas dessas comunidades têm a sua origem em antigos quilombos de escravos foragidos e ainda se conservam em um grau relativamente alto de isolamento. Dessa forma, o português afro-brasileiro guardaria uma especificidade no universo mais amplo do português popular rural brasileiro (ou, mais precisamente, norma popular rural do português brasileiro) [...] (Lucchesi, 2009, p. 32)

Logo, muitas dessas comunidades têm a sua origem em antigos quilombos de escravizados foragidos. Essas comunidades também são atestadas no Pará e são conhecidas como “comunidades quilombolas”, como é o caso de Narcisa e de Jurussaca – ver Campos (2014), mas não é o caso dos Tembê do Guamá.

Dessa maneira, de acordo com Jucá Acácio (2020, p. 267-268), não há como incluir os Tembê do Guamá no macro-rótulo “português afro-brasileiro” sem que se

remeta à situação de envolvimento dos Tembê do Guamá em traços de miscigenação, citados em Oliveira *et al* (2015), haja vista que os Tembê do Guamá (que se autodenominam como indígenas) localizam-se em uma área limítrofe à comunidade remanescente quilombola de Narcisa (que se autodenominam como afro), e ambos mantêm uma relação de contato linguístico, cultural e de miscigenação que já vem ocorrendo há mais de um século.

Para justificar a miscigenação afro-indígena em que os Tembê do Guamá estão envolvidos, Jucá Acácio (2020, p. 269) retoma-se Lucchesi (2009, p. 33), ao advogar que a variedade de português falada em comunidades quilombolas, seria uma variedade de português que foi se constituindo em função do contato dessa população com indígenas, colonos de origem europeia, entre outros, a partir da aquisição imperfeita do português como segunda língua em situações muito adversas.

Tais argumentos podem evidenciar a hipótese aventada neste trabalho sobre o compartilhamento de traços entre variedades vernaculares amazônicas, quer de matriz indígena, quer de matriz africana (variedades afro-indígenas), a exemplo do uso das expressões pronominais comuns tanto na comunidade quilombola de Jurussaca, quanto na variedade dos Tembê.

Na seção seguinte, faremos algumas considerações sobre os pronomes e suas assimetrias no português brasileiro, a fim de exemplificar a relação de contato estabelecido entre as variedades de português Tembê e variedades de português faladas em comunidades quilombolas, a exemplo de Jurussaca-Pa.

2 Os pronomes e suas assimetrias no PB

O tópico pronome pessoal no português brasileiro é, há muito, descrito tanto pelos filólogos do século passado, quanto por gramáticos e linguistas contemporâneos como um dos itens gramaticais que mais apresentam variação relativamente à norma-padrão ou à norma culta⁶. Os quadros pronominais apresentados nas gramáticas de língua portuguesa, normalmente, baseiam-se na forma dos pronomes quanto à função gramatical que eles expressam, isto é, a função sujeito, representada pelas formas pronominais do caso reto e

⁶ Em referência à distinção apresentada por Faraco (2008) sobre as normas padrão, culta e gramatical.

as funções completivas direta e indireta, representadas pelos chamados átonos (clíticos) e tônicos preposicionados ou oblíquos. No entanto, o alegado resquício de caso morfológico latino das formas pronominais (casos nominativo, acusativo e dativo – *eu, me* e *mim*, correspondentes às respectivas funções de sujeito e objetos direto e indireto) nas variedades de português brasileiro, como é sabido, apresenta forte variação, pois o quadro pronominal do português *standard* descrito nas gramáticas apresenta uma relação assimétrica com o uso que os brasileiros fazem dos pronomes.

Já o quadro dos pronomes apresentado em Castilho (2010), contrasta fortemente com os da norma padrão, e aproxima-se da expressão das variedades vernaculares.

Quadro 2 - Pronomes pessoais no PB

PESSOA	PB FORMAL		PB INFORMAL	
	Sujeito	Complemento	Sujeito	Complemento
1ª pessoa sg.	<i>eu</i>	<i>me, mim, comigo</i>	<i>eu, a gente</i>	<i>eu, me mim, Prep + eu, mim</i>
2ª pessoa sg.	<i>tu, você, o senhor a senhora</i>	<i>te, ti, contigo, Prep + o senhor, com a senhora</i>	<i>você/ocê/tu</i>	<i>você/ocê/cê, te, ti, Prep + você/ocê (=docê, cocê)</i>
3ª pessoa sg.	<i>ele, ela</i>	<i>o/a, lhe, se, si, consigo</i>	<i>ele/ei, ela</i>	<i>ele, ela, lhe, Prep + ele, ela</i>
1ª pessoa pl.	<i>nós</i>	<i>nos, conosco</i>	<i>a gente</i>	<i>a gente, Prep + a gente</i>
2ª pessoa pl.	<i>vós, os senhores as senhoras</i>	<i>vos, convosco, Prep. + os senhores, as senhoras</i>	<i>vocês/ocês/cês</i>	<i>vocês/ocês/cês, Prep + vocês/ocês</i>
3ª pessoa pl.	<i>eles, elas</i>	<i>os/as, lhes, se, si, consigo</i>	<i>eles/eis, elas</i>	<i>eles/eis, elas, Prep + eles/eis, elas</i>

Fonte: Castilho (2010, p. 477)

Castilho (2010) apresenta o quadro dos pronomes a partir do contexto de variação centrada na oposição que se estabelece entre o PB formal e o Informal e capta o fenômeno da ausência de clíticos de 3ª pessoa, comum ao português brasileiro. Esse fenômeno é observado por Galves (2001, p. 126) ao chamar a atenção para as diferenças entre o alto uso de clíticos de 1ª e 2ª pessoas e o baixíssimo uso de clíticos de 3ª no PB. Na verdade, a tese da autora defende a inexistência de clíticos de terceira pessoa na gramática do PB, confirmada pela ausência deles na fala das crianças e, portanto, fora da aquisição. Essa tese é corroborada no quadro 1, de Castilho, no tocante ao PB Informal.

As variedades vernaculares de português brasileiro como a que é falada pelos Tembê do Guamá e por comunidades quilombolas corroboram, também, a tese de Galves

(2001), pois, no tocante às formas clíticas, somente os pronomes referentes à 1ª e à 2ª pessoas do singular (e com variações) serão semelhantes ao quadro.

No entanto, para além da variação presente no quadro pronominal que configura as variedades de português – tanto no uso formal e informal (abordadas por Castilho) – ou a oposição no uso de clíticos de 1ª e 2ª pessoas em relação à 3ª pessoa nas funções completivas (cf. Galves, 2001), o que queremos evidenciar é que nas variedades vernaculares de português aqui em estudo, para além dos itens pronominais presentes no Quadro 1 do português, no uso formal e informal (Castilho, 2010), nas variedades vernaculares de português faladas pelos Tembê do Guamá e na comunidade quilombola de Jurussaca, ocorrem as expressões ou proformas pronominais “esse um”, “essa uma” “aquele um” “aquela uma” com funções referenciais e dêiticas equivalentes aos itens pronominais de Castilho (2010).

Na subseção seguinte, voltamos a essas expressões, com o objetivo de apresentar a relação de contato estabelecido entre as variedades de português Tembê e no sentido de evidenciar que o forjamento dessas variedades está estabelecido por uma estreita relação de contato linguístico.

2.1 As expressões “esse um”, “essa uma”, “aquele um”, “aquela uma”

As expressões “esse um”, “essa uma”, “aquele um”, “aquela uma” são largamente utilizadas em variedades de português faladas em comunidades tradicionais da Amazônia, em especial na variedade falada pelos Tembê do Guamá, e também na comunidade quilombola de Jurussaca (cf. Campos; Do Vale, 2018).

Os exemplos de Jucá Acácio (2020, p. 245) atestam esse uso⁷

(7) *RCTB: “**Aquele um** é seu marido?” (*Ele/Aquele é seu marido?*)

(8) *RRSTB: “**Aquela uma** é minha filha”. (*Ela/aquela é minha filha*)

(9) *NSSTB: “**Essa uma** ficou de dar um refrigerante”. (*Ela/essa ficou de dar um refrigerante*)

Segundo Jucá Acácio (2020) esses exemplos em que se atesta o uso das proformas

⁷ Exemplos retirados de Jucá Acácio (2020, p. 245) e renumerados.

pronominais como expressões livres referenciais na posição de sujeito – com quem o verbo, portanto, manifesta concordância – “foram produzidos pelos auxiliares RCTB, NSSTB e RRSTB pertencentes a duas das seis aldeias representadas nesta pesquisa”⁸. A faixa etária dos falantes que produziram esses dados insere-se entre dois jovens (do sexo feminino) e um adulto (do sexo feminino)” (Jucá Acácio, 2020, p. 245).

A similaridade dos dados de Jucá Acácio (2010) com aqueles apresentados por Campos e Do Vale (2018), citados na introdução e repetidos aqui (e renumerados), podem atestar o estabelecimento de relações de contato linguístico entre comunidades tradicionais com diferentes ligações socioculturais, como comunidades quilombolas e indígenas.⁹

(10) “Eu acho que **essa uma** é que num conta mais nada... porque ela tá muito velhinha...”

(11) “...é partida assim no meio, só que **essa uma** o partimento dela é um banheiro que tem no meio.

(12) DOC. Essa festa pra vocês é mais importante do que a de São Benedito? INF. Olha, **essa uma**... (festa)

(13) “...e chegou no Maranhão, de lá **esses um** partiru pra cá”.

Além do mais, esses exemplos corroboram a hipótese de Jucá Acácio (2020) de que a variedade de português falada pelos Tembê do Guamá esteja inserida na tipologia de mudança linguística (*language shift*) do tipo mudança de língua rápida por parte de uma grande ou prestigiosa minoria – *tipo II* (cf. Winford, 2003) e, para isso, os dados aqui apresentados parecem fornecer pistas relativamente à miscigenação afro-indígena compartilhada entre os Tembê do Guamá e membros de comunidades quilombolas da região.

Considerações finais

⁸ As siglas RCTB, NSSTB e RRSTB referem-se às iniciais dos nomes dos auxiliares linguísticos da comunidade Tembê, utilizados por Jucá Acácio (2020).

⁹ Exemplos retirados de Campos e Do Vale (2018), p. 240) e renumerados.

Buscamos evidenciar, neste trabalho, as relações de contato entre o povo Tembé – que se estabeleceram na região do Guamá há mais de um século – como um dos elementos que desencadearam a migração da língua ancestral *tembé-tenetehar* em direção ao português, como língua-alvo, ocasionando uma mudança rápida (cf. Winford, 2003).

As proformas pronominais “esse um”, “essa uma”, “aquele um”, “aquela uma”, atestadas em variedades vernaculares do Pará – comunidade quilombola de Jurussaca e indígena Tembé – podem corroborar a hipótese da macro variedade “afro-indígena” defendida por Campos (2014) e Oliveira *et al* (2015) falada no território amazônico, assim como podem, também, evidenciar a tese de Jucá Acácio (2020) relativamente ao fenômeno de *language shift* que, muito rapidamente, de operou nessa comunidade linguística, desencadeando na perda da língua de substrato.

A variedade de português Tembé, como discutido, ao longo do trabalho, por meio da tese de Jucá Acácio, apresenta traços de interferência moderada da língua de substrato e apresenta, também, aspectos morfossintáticos comuns às variedades descritas como afro-indígenas.

No tocante às proformas pronominais e ao quadro pronominal do português brasileiro, as proformas mencionadas trazem também um aspecto interessante, pois, ao mesmo tempo que o PB perde o clítico pronominal de 3ª pessoa (o, a), as variedades de Jurussaca e Tembé apresentam proformas com características sintáticas similares às clíticas de 3ª. pessoa e enriquecem, assim, a coluna Forma Oblíqua do quadro gramatical, fazendo um paralelo com a tese da inexistência de clítico de terceira pessoa na gramática do PB, defendida por Galves (2001, p. 126).

REFERÊNCIAS

BESSA FREIRE, José R. **Rio Babel: a história das línguas na Amazônia**. Rio de Janeiro: EdUERJ. 2011, 280 p.

CAMPOS, Ednalvo A.; DO VALE, Rosana. As proformas pronominais ‘esse um’, ‘aquele um’ e a comunidade quilombola de Jurussaca. **PAPIA** (28)2, p. 239-254, 2018.

CAMPOS, Ednalvo A. **A sintaxe pronominal na variedade afro-indígena de Jurussaca: uma contribuição para o quadro da pronominalização do português falado no Brasil**. 2014. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa). Universidade de São Paulo. São Paulo, 2014.

CASTILHO, Ataliba T. de. **Nova Gramática do Português Brasileiro**. Editora Contexto. São Paulo, 2010.

CECIM, Jair. **O português afro-indígena de Jurussaca-PA: revisitando a descrição do sistema pronominal pessoal da comunidade a partir da textualidade**. 2014. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa). Universidade de São Paulo. São Paulo, 2014.

CHOMSKY, N. **Lectures on Government and Binding**. Dordrecht: Foris, 1981.

CHOMSKY, N. **Knowledge of Language: Its nature, origin and use**. New York: Praeger, 1986.

DÉCHAINED, Rose-Marie; WILTSCSKO, Martina. Decomposing Pronouns. **Linguistic Inquiry**, vol. 33, n. 3, pp. 409-442, 2002.

DORMAL CALLEJA, A. L. **O português falado no Suriname (PFS): um estudo inicial sobre a fala espontânea de brasileiros em Paramaribo**. 2019. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) - Universidade de São Paulo. São Paulo, 2019.

GALVES, Charlotte. Clíticos e Concordância em português. In: GALVES, C. **Ensaaios sobre as gramáticas do português**. Editora da Unicamp: Campinas, 2001, p. 125-152.

JUCÁ ACÁCIO, Mara S. **Um estudo etnolinguístico centrado na variedade de português vernacular dos Tembê do rio Guamá (PA)**. 2020. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) - Universidade de São Paulo. São Paulo, 2020.

LIMA FILHO, Petrônio M. Quilombo de Narcisa: Territorialidade, Limites de Respeito e Narrativas de Expropriação. In: MACEDO, Cátia O.; BRINGEL, Fabiano de O.; SOUZA, Rafael B.; SANTANA, Rosiete M. (Orgs.) **Os “nós” da questão agrária na Amazônia**. Belém: Açaí, 1 ed., v. 1, 2016, p. 1-151.

LUCCHESI, Dante. 2009. A concordância de gênero. In: Lucchesi, Dante; Baxter, Alan & Ribeiro, Ilza. **O português afro-brasileiro**. Salvador: Edufba, 2009, p. 295-318.

OLIVEIRA, Márcia S. D. *et al.*. O conceito de português afro-indígena e a comunidade de Jurussaca. In: AVELAR, Jo; Álvarez Lopes, L (Orgs.) **Dinâmicas afro-latinas: língua(s) e história(s)**. Frankfurt an Main: Peter Lang, 2015. p. 149-177.

OLIVEIRA, Márcia S. D.; PRAÇA, Walkíria. N. Para um Cotejo Etnolinguístico entre Comunidades Afro-Indígenas – ‘Jurussaca’ (PA) e ‘Tremembé’(CE) - Primeiras Aproximações. Trabalho apresentado no ‘Workshop’ **“Contatos afro-latinos: perspectivas históricolinguísticas”**, 2013. Campinas: UNICAMP/IEL.

SODRÉ, Raimunda C. **“Aqui é uma parentesa só”: Conjugalidade, Gênero e Identidade na Comunidade Quilombola de Narcisa– Capitão Poço/Pa**. 2015. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal do Amazonas. AM, 2015. Disponível

em:<<http://www.ppgas.ufam.edu.br/alunos/14ppgiba/monografias/dissertacoes/10-2015>> Acesso em: 23.06.2022.

WEINREICH, Uriel. **Languages in contact: finding and problems**. New York: Linguistic Circle of New York, 1953. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=qY->>. Acesso em: 20.01.2018.

WINFORD, Donald. Second language acquisition and 'language shift'. In: **An introduction to contact linguistics**. Oxford: Blackwell publishing. 2003. p. 208-264.